

# Moçambique – Hospital de Maputo já vive situação crítica

written by O Cidadão | 25 de Dezembro, 2024



***“Estamos a atravessar um momento crítico no HCM, com um número de doentes por trauma maior, em relação aos outros anos, nesta época, e um número de profissionais de saúde reduzido”,*** disse a diretora clínica substituta daquela unidade, Eugénia Macassa, ao fazer o balanço das últimas 24 horas, reconhecendo um **défice atual de 200 profissionais** ao serviço e equipas a trabalhar sem parar há **“48 e 72 horas”**.

***“Esta redução do número de profissionais de saúde deve-se à dificuldade que existe em chegar à unidade sanitária, por isso voltamos a apelar que haja permissão para que os trabalhadores de saúde e as ambulâncias passem e assim possamos prestar os cuidados de saúde que os doentes que chegam ao hospital***

**central precisam**", acrescentou a médica.

Só a Serviço de Urgências de adultos do HCM recebeu 161 pacientes nas últimas 24 horas, dos quais 117 por trauma, o dobro face ao mesmo período de 2023, incluindo 62 feridos por armas de fogo, dois dos quais acabaram por morrer ao chegar ao hospital **"num estado crítico"**, num contexto em que se repetem confrontos entre manifestantes, que contestam os resultados das eleições gerais, e autoridades.

Com capacidade de 1.500 camas e 900 pacientes atualmente internados no HCM, Eugénia Macassa reconheceu também **"problemas sérios de alimentação"** na unidade.

### **Falta de Sangue**

**"Porque os nossos fornecedores também não conseguem chegar à unidade sanitária. Por não conseguirem chegar à unidade sanitária não conseguimos ter os alimentos que precisamos para alimentar os nossos pacientes"**, reconheceu, admitindo a possibilidade de o hospital deixar de fornecer comida: "Corremos esse risco se não recebermos alimentos nas próximas horas".

Com o bloco operatório a **"funcionar há 24 horas sem parar"**, Eugénia Macassa reconheceu também a dificuldade no 'stock' de sangue, com apenas 111 bolsas, de 0,45 litros, para necessidades diárias, fora deste período do ano, que rondam uma centena.

A polícia moçambicana registou 236 **"atos de violência grave"** em 24 horas, na contestação aos resultados eleitorais, incluindo ataques a esquadras e cadeias, que provocaram 21 mortos, anunciou na terça-feira à noite o ministro do Interior, garantindo o reforço imediato da segurança.

**"Ninguém pode chamar, nem considerar, estes atos criminosos de manifestações pacíficas"**, afirmou esta noite o ministro Pascoal Ronda, em conferência de imprensa em Maputo, num

momento de caos generalizado no país, com barricadas, saques, vandalizações e ataques diversos, um dia depois do anúncio dos resultados finais das eleições gerais de 09 de outubro.

O governante revelou que entre essas 236 ocorrências nas últimas 24 horas **“em todo o território”**, incluem-se 25 viaturas incendiadas, duas das quais da Polícia da República de Moçambique (PRM), 11 subunidades policiais e um estabelecimento penitenciário **“atacados e vandalizados, de onde foram retirados 86 reclusos”**, quatro portagens incendiadas, três unidades sanitárias vandalizadas, um armazém central de medicamentos incendiado e vandalizado e dez sedes do partido Frelimo incendiadas.

**“Tiveram como consequências 21 óbitos, dos quais dois membros da PRM, 25 feridos, sendo 13 civis e 12 membros da PRM”**, acrescentou Pascoal Ronda, dando conta que 78 pessoas foram detidas e que a polícia está a investigar os autores morais e materiais destes crimes, que representam um momento **“difícil”** e **“nefasto”**.

**“Diante da gravidade dos eventos registados, o Governo de Moçambique determinou o reforço imediato de medidas de segurança em todo o território nacional e as Forças de Defesa e Segurança [FDS] vão intensificar a presença em pontos estratégicos e críticos”**, avançou ainda Pascoal Ronda.

O Conselho Constitucional de Moçambique proclamou na tarde de segunda-feira Daniel Chapo, candidato apoiado pela Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo, no poder), como vencedor da eleição a Presidente da República, com 65,17% dos votos, sucedendo no cargo a Filipe Nyusi, bem como a vitória da Frelimo, que manteve a maioria parlamentar, nas eleições gerais de 9 de outubro.

Este anúncio provocou o caos em todo o país, com manifestantes nas ruas, barricadas, pilhagens e confrontos com a polícia, que tem vindo a realizar disparos para tentar a

desmobilização.